

Crónica 58.5. MOGADOURO setº 2008



SOLAR DOS PIMENTÉIS EM CASTELO BRANCO (MOGADOURO)

CASTELO DE

MOGADOURO ANOS 80

As únicas férias em que não fui a Trás-os-Montes coincidiram com os dois anos finais do curso liceal.

Tinha começado a namorar mais seriamente aos 16 com alguém que a família não considerava compatível com os seus pergaminhos. Vivia bem longe. Correspondiam-se às escondidas pois a jovem era seis anos mais velha. As missivas iam para casa doutrem e escondidas em locais mais ou menos difíceis de descobrir. Até um dia em que o meu pai descobriu os tacos do parqué desequilibrados e ali destapara epístolas de quentes confissões amorosas. Namoro condenado.

Eu no liceu e ela na Faculdade de Letras em Coimbra. Uma paixão anormal. Eu não o via assim. Obviamente, sentia-me o maior. Bom para a imagem, para o ego e sabe-se lá para que mais. Havia outro fator contra, era prima direita das minhas primas do Azinhoso, cuja única vocação na vida era fazer riquezas e multiplicá-las. Constavam coisas, boatos, intrigas e escárnio. Boas razões para continuar o namoro com a oposição dos pais e da prima.

Uma vez, estava eu de férias na Eucísia e ela fora, de carro de praça (táxi), visitar-me. Demorava mais de duas horas de Mogadouro na velha estrada que passava pela hoje desaparecida Ponte de Remondes, e custava um balúrdio.

Havia telefonemas infundáveis, cartas diárias, o gosto e incentivo pelos escritos poéticos do adolescente. Vivia ela no então ainda em pé e imponente, mas atualmente decrépito e arruinado Solar dos Pimentéis https://www.youtube.com/watch?v=WW_I7e2viwg ,o edifício é em

1 O Solar dos Pimentéis é uma residência solarenga barroca com o frontispício dividido em três corpos, separados por pilastras de capitel coríntio. No corpo principal tem uma porta verga reta, sobre a qual se rasga uma janela com frontão. Por cima da cornija existe um terceiro registo, onde se inscreve o brasão dos Pimentéis, com coroa no timbre, timbre este que se inscreve num frontão semicircular. Tem a ladear o brasão duas bandeiras e palmas, ladeadas por sua vez por janelas. O segundo corpo tem uma escadaria de granito que dá acesso a um alpendre em ruínas. Acesso: EN 221, 5 km depois de Mogadouro, em direção de Moncorvo. Proteção: Imóvel de Interesse Público, Dec. nº 2/96, DR 56 de 6 março 1996. Apresenta [planta](#) retangular. A imponente fachada, articulada com largas pilastras, de bases pesadas e muito salientes, é comum para a região e a época (segunda metade do século XVIII). Este período construtivo é indicado particularmente pelas molduras das janelas, que ostentam parapeitos de brinco e remate ondulado, elementos característicos do barroco. O imóvel possui a curiosidade de possuir 365 portas e janelas, uma por cada dia do ano.

A fachada central conserva, entre duas janelas, o grande brasão, magnífica peça heráldica. Os cumes que coroam a casa indicam uma época bastante avançada para a construção civil. Há indícios de que os espaços verdes circundantes seriam similares aos do Palácio de Mateus em Vila Real.

Considerado *uma das maiores residências nobres trasmontanas*, o antigo solar da família Pimentel é uma construção que remonta, muito possivelmente, à segunda metade do século XVIII, inscrevendo-se na tipologia mais comum da arquitetura solarenga setecentista, mas denunciando, nos elementos decorativos e recortes das molduras dos vãos, uma linguagem rococó (AZEVEDO, 1969, p. 127).

De planta retangular, a casa pauta-se por um desenvolvimento horizontal, ainda que equilibrado pelos eixos verticais formados pelas pilastras dos cunhais, coroadas por pináculos, pelas pilastras de capitéis coríntios que dividem a fachada em três corpos, e pela articulação porta-janela que se observa ao centro de cada um dos panos do alçado principal. Estas composições parecem "substituir" as pilastras, pois respeitam uma configuração idêntica na sua ligação à cornija. As portas do piso térreo, tal como todos os restantes vãos, apresentam verga em arco abatido, mas prolongam-se pela janela de sacada superior, que termina num frontão de lanços. São ladeadas por duas janelas, de avental e remate recortado, em cada piso.

O ritmo da fachada converge no corpo central, mais estreito e sem janelas, com o portal a destacar-se pelas pilastras oblíquas que o flanqueiam, e pelo frontão superior, de maiores dimensões. Este pano é prolongado por uma mansarda, aberta por duas janelas, entre as quais se exhibe o brasão dos Pimentéis, com uma coroa por timbre.

A implantação isolada do imóvel, mas no centro da povoação, marca urbanisticamente toda este zona, ao mesmo tempo que a imponência da sua fachada reflete a imagem de poder e prestígio social que os seus proprietários pretendiam transmitir.

Os alçados laterais exibem um único piso, com janelas idênticas às da fachada principal (registando-se alterações apenas nos elementos decorativos) a enquadrar a sacada, e no posterior destaca-se a escadaria de granito de acesso ao alpendre.

Desde 2001 que o imóvel é objeto de um projeto de reconversão que pretende transformá-lo num hotel tradicional.

(Rosário Carvalho)

Diz Luís Pardal: "O solar foi construído na entrada da aldeia edificado em planta retangular, possivelmente já na segunda metade do século XVIII como parecem indicar certos elementos decorativos, particularmente as molduras das janelas, que ostentam parapeitos de brinco e o remate ondulado, caracteristicamente barroco. Há dados que indiciam que os espaços verdes seriam similares aos do Palácio de Mateus em Vila Real. Ostenta uma imponente fachada, articulada com largas pilastras, de bases pesadas e muito salientes, num tipo muito corrente no Norte por esta época. A fachada central conserva, entre as duas janelas, o grande brasão, magnífica peça heráldica. O que faz com que este seja um dos mais elegantes solares do distrito de Bragança. Este edifício constitui um

granito branco e embora se desconheça o arquiteto que o projetou, parece ter influências de Nazoni. Ela fazia viagens ao Porto às escondidas de todos que, com a proverbial falta de sorte, acabavam sempre descobertas. Passei a encontrar-me com ela em casa doutros primos que viviam no Porto. Mal entrei na Faculdade comecei a ir ter com ela todos os fins de semana a Coimbra, à boleia ou de comboio. Fui muitas vezes com o falecido oftalmologista Rufino Ribeiro. O filho (Paulo) frequentava a faculdade em Coimbra e mais tarde (1996) seria seu oftalmologista. Cheguei a ficar em "Repúblicas" de estudantes para passar o fim de semana em festas, latadas, "Queima das Fitas", idílios no Jardim Botânico ou na Quinta das Lágrimas.

Claro que para passar o fim de semana fora de casa sem levantar suspeitas tive de inventar uma história sólida. Como me dava bem com outro meu parente, o jovem Francisco Bernardo Correia Leite Sampaio de Almada-Lobo (Azenha), filho do Marquês de Pico de Regalados e 5º Conde da Azenha (título criado em setembro de 1852), que era da minha idade e andava em engenharia, resolvi improvisar.

Dizia que ia para a quinta dele (perto de Guimarães), fazendo depois detalhada descrição dos salões da casa senhorial sem jamais lá ter ido. Nem sabia bem onde ficava, lá para os lados de Vizela. Pensava ter encontrado o grande amor da minha vida, duradouro e eterno.

Nem sequer me recordo por quê e quando acabou ou quem o terminou. Há paixões humanas que se assemelham a furacões, umas destroem tudo, outras vão sem deixarem rasto. Vidas que pareciam impossíveis sem a presença do outro prosseguem sem recordações.

A minha prima mais velha que tanto se opusera ao namoro faria questão de eu rever esse meu amor adolescente, mais tarde (1988), numa cena caricata aquando dumas férias australianas em que escalei o Mogadouro. Ali estava ela, envelhecida (muito mais do que seria de imaginar), casada com um ex-padre e mãe de crianças. Doméstica e domesticada, dona-de-casa-desesperada como as da série televisiva, sem interesse, nem conversa de jeito, nela não se vislumbravam já sombras da antiga flama amorosa. Pelo contrário, destilava veneno e inveja e despejou fel e bÍlis nos poucos momentos em que trocamos palavras. Abençoado ex-padre que a perdoaria.

O concelho de Mogadouro, a uma altitude média de setecentos metros, estende-se por uma área de 756 km², numa zona essencialmente planáltica. As exceções são os conhecidos "cumes do Mogadouro", que se elevam a cerca de novecentos metros. É um amplo território, no extremo

dos principais marcos arquitetónicos do concelho de Mogadouro. Foi mandado construir, em 1752, pela família dos Távoras, adquirindo brasão, em 1795, por carta de D. José I. Mais tarde, por outro Decreto Real, é conferida à família Morais Pimentel a propriedade que inclui o Solar dos Pimentéis. São os seus primeiros proprietários família da alta aristocracia com os gostos requintados pelos diferentes títulos e pelos cargos como o de vice-rei na Índia e embaixadores nas cortes europeias. O Imóvel possui 365 portas e janelas, uma por cada dia do ano".

Outra versão alega: O solar dos Pimentéis em Santa Maria de Castelo Branco foi mandado construir pela família do governador do Rio de Janeiro "Castro Morais". Como as coisas correram mal a este governador aquando da tomada do Rio pelos franceses este veio aposentado para a dita aldeia e as filhas (duas foram para o convento) casaram com familiares dos Pimentéis e Sarmentos que, por via varonil, vão ser os herdeiros do dito palacete. Os Castro Morais eram da terra, valorosos militares da casa real e comendadores da comenda de Santa Maria a Velha de Castelo Branco a par da casa de Távora. ou seja S. M. de Castelo Branco foi sempre independente de Mogadouro, com juiz e abade residentes e só com as reformas administrativas depois do liberalismo é que perdeu o seu estatuto de vila e reguengo real. É um facto que a casa de Távora, senhor de Mogadouro teve muitas vezes influência nesta comenda.

Nos nossos dias, um grupo empresarial de Lisboa pretendia instalar no antigo solar um empreendimento turístico designado de "Turismo Tradicional" e que compreenderia três blocos:

- o bloco I, que englobaria todo o edifício do solar, compreendendo 20 quartos, 4 suítes, um salão de festas e um [auditório](#), recriando um ambiente típico da aristocracia do [século XVIII](#), período de construção do imóvel. A ideia era manter as linhas arquitectónicas, bem como as características do hall de entrada, corredores, [capela](#) e do salão nobre.
- o bloco II, nas imediações do solar, que chegou a ser criado, constituindo-se em uma unidade mais vocacionada para o turismo rural, compreendendo um [ginásio](#), [piscinas](#) cobertas e descobertas, uma quadra de [ténis](#) e um centro de [equitação](#).
- o bloco III previa a construção de uma zona de restauração, como fruto de um trabalho de recuperação e adaptação de um antigo [lagar](#) de [azeite](#).

Numa segunda etapa estudava-se implantar um campo de [minigolfe](#) e de equitação, assim como oferecer aos visitantes um programa diversificado de atividades tais como passeios todo-o-terreno, a cavalo e viagens de barco no Douro Internacional.

oriental de Portugal, que está repartido pelas bacias dos rios Douro e Sabor. Divide-se em 56 aglomerados populacionais, integrados em vinte e oito freguesias: Azinhoso, Bemposta, Bruçó, Brunhoso, Brunhosinho, Castanheira, Castelo Branco, Castro Vicente, Meirinhos, Mogadouro, Paradela, Penas Roias, Peredo Bemposta, Remondes, Saldanha, Sanhoane, S. Martinho do Peso, Soutelo, Tó, Travanca, Urrós, Vale da Madre, Vale de Porco, Valverde, Ventozelo, Vila de Ala, Vilar de Rei e Vilarinho dos Galegos. Uma população de vinte mil habitantes em 28 freguesias.

A vida das terras está definitivamente interligada ao clima com duas faces distintas: inverno rude, frio, muita chuva e neve; verão muito quente, típico dos climas continentais, sufocante. A paisagem, influenciada pelo clima atlântico, continental e mediterrânico, é muito diversificada e abundante.

As espécies mais comuns são o carvalho negral e (próximo do Douro e do Sabor), a azinheira, sobreiro e zimbro. Na fauna, lobo, raposa, javali, lebre e coelho. Sobrevoam o território as águias-reais, gaviões, mochos, gralhas, andorinhas, melros azuis (muito raros no País), estorninhos, tordeiras, pombos bravos ou cotovias. A gastronomia de Mogadouro é muito rica e variada. Nesta terra do Nordeste Transmontano, o fumeiro e os enchidos, ocupam, como não podia deixar de ser, lugar de destaque. Na economia doméstica El Rei, o porco, ocupava (e ocupa ainda) um lugar indispensável. Os recos ou laregos, são criados com todo o carinho, com as melhores viandas, para a ocasião, quase ritual, da matança. Assim, os presuntos, as alheiras, os bulhos (chouriços de ossos), os chouriços de sangue, as linguiças, as bochas, os chabianos, os vilões, as tabafeias, e por fim, sua majestade, o salpicão, são, em Mogadouro, os reis da gastronomia.

Aqui se destaca a célebre posta (naco de vitela da raça mirandesa, criada em pastos naturais, assada na brasa), a marrã (porco assado na brasa), a sopa de xis, as cascas com bulho (vagens de feijão, secas, cozidas com bulhos, bochas, carne de porco gorda e outros enchidos), e os enchidos: [presuntos, alheiras, bulhos (chouriço de ossos), chouriços de sangue, linguiças, bochas, chabianos, vilões e salpicão], as sopas das segadas, o cabritinho serrano, o cordeiro churro (assado na brasa), as nabiças e os queijos (cabra e ovelha churra), o mel, os "económicos", os "roscos", os "matrafões", "as rosinhas" (doce de Bruçó), os "formigos" e outras iguarias, o folar da Páscoa, O artesanato da lã é ancestral, como o do linho.

Por Mogadouro passaram os mais diversos povos. Muitos vestígios dos celtas, dos muçulmanos, dos Templários e dos Távoras, arqueológicos ou arquitetónicos, povoam ainda grande parte das freguesias do concelho. Muita coisa, no entanto, foi destruída pela febre assanhada da vingança pombalina contra a nobre família.

O seu povoamento iniciou-se, em termos documentais, a partir do IV milénio a.C. Para trás, muito deve ter acontecido, mas até hoje não foi encontrado qualquer vestígio que o prove.

O mais remoto elemento de vida humana em Mogadouro foi encontrado na Pena Mosqueira, uma anta, monumento funerário escavado em 1986 por uma equipa de arqueólogos da FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Outros vestígios arqueológicos importantes, do período calcolítico, foram encontrados nas freguesias de Peredo da Bemposta e de Urrós. Durante a época romana, as terras de Mogadouro estiveram integradas na Astúrica Augusta, capital de um dos três distritos em que estava dividido o Noroeste Peninsular. Alguns elementos desse período foram encontrados como vários altares votivos e estelas funerárias em Saldanha, Sanhoane, Peredo da Bemposta e noutras freguesias.

Durante a Idade Média, as terras de Mogadouro desempenharam um importante papel na defesa do território português, recentemente conquistado aos mouros.

Os ataques de Leão e Castela tinham também aqui uma primeira e decisiva barreira. Foram então edificadas os castelos de Penas Roias (1166) e de Mogadouro (também no século XII). Estavam ligados às fortificações de Algosó, Miranda do Douro, Outeiro e Vimioso e constituíam a linha de defesa do nordeste português. Controlada a estrada mourisca, principal via de penetração dos povos inimigos, grande parte dos ataques estaria salvaguardada.

Aqueles dois castelos chegaram até nós, ao contrário do que aconteceu em muitas outras regiões do País, mas deles vão restando cada vez menos vestígios, sendo necessária uma recuperação urgente para que a degradação não atinja o seu ponto limite.

Mogadouro recebeu foral (D. Afonso II) em 1272.

Os Templários a quem a vila havia sido concedida começaram a construir a muralha que D. Dinis concluiria.

Após o século XV, a vila foi dominada pelos Távoras que edificaram um soberbo palácio, tendo, como senhores de Mogadouro, assumido importante papel na defesa de Trás-os-Montes durante a Guerra da Independência, a vila foi vítima de uma coluna napoleónica que, passando por Miranda do Douro, ocupou Bragança, Vinhais e Chaves.

Ao Marquês de Pombal se fica a dever a quase total destruição da antiga riqueza, dos seus castelos e palácios. Podemos ainda apreciar as ruínas do Castelo.

O concelho nem sempre teve a sua configuração atual. Algumas das povoações foram circunscrições independentes, com autonomia política e administrativa, rivalizando em importância social e económica com a sua sede atual. É o caso de Azinhoso, Bemposta, Castro Vicente e Penas Róias, antigas vilas com foral e concelhos com pelourinhos ainda subsistentes (à exceção do de Penas Róias) e as respetivas justiças próprias e funcionários.

Registada na documentação oficial desde há vários séculos, foi o primeiro evento deste tipo na região. Falamos da mais tradicional Feira dos Gorazes. Refere o Pe. António Rodrigues Mourinho (Júnior) em relação a este assunto: "Quem trazia o goraz para Mogadouro? Só os almocreves. Em que condições de conservação viria o peixe para Mogadouro? Salgado? Seco? Que em Portugal o povo sempre se alimentou de peixe seco ou salgado, mas principalmente seco, é um facto. (...) O peixe a uma distância de trezentos quilómetros, mesmo salgado e, neste caso, o goraz não parecia fácil aguentar-se sem perigo de corrupção".

Outros autores, no entanto, como Viterbo, encontram a origem da palavra no nome pessoal Gorazil ou Gouarazel. Mas a festa anunciava o tempo da matança dos porcos e servia para cumprir as obrigações fiscais aos «senhores do Mogadouro», justamente com carne de porco. Ditava a tradição que "os gorazes anunciavam a altura certa para começar a época das matanças do porco; as pessoas iam aos gorazes para comprar a primeira marrã [como lhe chamavam] e levavam-na como se fosse um mimo", refere o historiador.

Na feira "havia um dia para a feira dos burros, que era o dia 15; no dia 16 decorria a feira normal; e no dia 17 era a feira do gado". Do ponto de vista social, era um acontecimento de grande importância para a vila, "vinha gente de todo o lado, a pé, a cavalo, e pernoitavam na vila; era então que se cantava à desgarrada, jogava-se às cartas e a festa era aproveitada para dar início a alguns namoricos", afiança.

Em Sendim, perto de Miranda do Douro, «Grazes» (como diz o povo) é principalmente uma feira onde se vendem burros, mulas e cavalos desde há quase 300 anos, mas está a descaracterizar-se.

Para quem deixa o vale do Sabor ainda carregado de névoa e sobe até ao planalto mirandês, logo ao nascer do dia, seguindo por Carviçais, Fornos, Lagoaça, Mogadouro...há de ver as carroças dos burros que tomam a estrada de betume com a carga das primeiras horas de um dia de trabalho, ainda na companhia dos seus velhos donos. Estes animais são a principal atração dos Gorazes, todos os anos a 30 de outubro.

Atualmente, a Feira dos Burros está descaracterizada pela exposição das alfaias industriais e pelo negócio dos chineses e dos vendedores da banha da cobra.

Mas em Sendim encontram-se ainda os chapéus e os lenços pretos dos velhos e velhas que descem das suas aldeias e por ali se instalam para vender as novidades de final de Verão: queijo artesanal, cebolas, dióspiros, marmelos, romãs...

Dentro de poucos anos já não será possível fazer, assim, retratos de «velhos gorazes».

Essa tue tan grande feira
De trinta de Outubro yê tal
Que nun beio nestas tiêrras
Outra que le seia eigual.

Em visita por Mogadouro, o escritor Nobel, José Saramago percebeu bem o espírito da região. Deixou impressões e memórias em "Viagem a Portugal":

"O viajante é natural de terras baixas, lá para o sul, e, sabendo pouco destes montes, esperava-os maiores. Não faltam os acidentes, mas são tudo colinas de boa vizinhança, altas em relação ao mar, mas cada qual ombro com ombro, da qual está próxima e todas perfiladas. Em todo o caso, se alguma se atreve um pouco mais ou espigou de repente, então sim, tem o viajante uma diferente noção destas grandezas, não tanto pelo que está perto, mas pela vultosa serra ao longe. Chegando-se-lhe, percebe-se que a diferença não era assim tão grande, mas bastou para promessa de um momento. A linha férrea que vai ao lado da estrada parece de brincadeira, ou restos de solene antiguidade. O viajante, cujo sonho de infância foi ser maquinista de caminhos-de-ferro, desconfia que a locomotiva e as carruagens são desse tempo, objetos de museu a que o vento que vem dos montes não consegue sacudir as teias de aranha. Esta linha é a do Sabor, do nome do rio que se torce e retorce para alcançar o Douro, mas onde esteja o gosto da traquitana, isso não descobre o viajante."

Falta apenas acrescentar mais alguns dados sobre a história de Mogadouro <http://concelhos.dodouro.com/jornal/mogadouro.asp>

Também por Mogadouro passavam os Caminhos de Santiago. Temos um Caminho (principal ao nível de Trás os Montes, a nível nacional, secundários), e vários outros menos importantes, constituindo uma autêntica rede "capilar" de inúmeros caminhos jacobeos.

Este caminho principal chegava a Mogadouro vindo de Castelo Rodrigo, por duas vias possíveis: uma por Freixo de Espada à Cinta, (Castelo Rodrigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Escalhão, atravessava-se o Douro na barca de Barca de Alva, Quinta de Santiago, Freixo de Espada à Cinta, pelo concelho medieval de Mós, Fornos, Lagoaça, Bruçó, Mogadouro); outra por Moncorvo (Castelo Rodrigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Almendra, Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, atravessava-se o Douro na barca do Pocinho, Moncorvo, Vilariça, Adeganha, Parada (atravessava-se aqui o Sabor na barca de Santo Antão da Barca, Mogadouro). Em Mogadouro o caminho de Santiago bifurcava-se: um por Mogadouro, capela de Nossa Senhora do Caminho de Santiago, Azinhoso (temos um enorme alpendre na Igreja, a grandiosidade do próprio templo e na cachorrada da igreja, cachorros com motivos dos caminhos de Santiago, como cabaças (bilhas e vieiras), depois por uma ponte medieval que ligava a Penas Róias, Algozo, Vimioso, Bragança); outro de Mogadouro, Nossa Senhora do Caminho, Algosinho (igreja onde existem cachorros representando cabaças, símbolo dos peregrinos), Ventoselo (nesta freguesia existem vários vestígios: uma pintura no teto da capela do Senhor da Boa Morte que representa Santiago peregrino, a fonte da vila ficaria na rota dos caminhos, bem como a fonte do carril, e uma antiga capela de Santiago, hoje completamente destruída), Urrós, Sendim (de Senda, caminho), Miranda do Douro).

Depois, havia inúmeros "capilares", atalhos ou desvios secundários, ao Azinhoso podia chegar-se de Santiago (neste caminho ficava o monóptero de S. Gonçalo, santo associado aos caminhos); por Variz, Castanheira, Valcerto, Algozo, Campo de Víboras, Vimioso; a Santiago (Vila de Ala), importante cruzamento de caminhos, podia chegar-se de Peredo de Bemposta (por Algosinho, Ventoselo, Vila de Ala) e de Bemposta (por Lamoso, Tó e Vila de Ala). Quem vem do sul, antes de chegar a Mogadouro, em Zava, fica a capela de S. Cristóvão, santo protetor dos caminhantes. O nome de Zava (o povo também pronuncia Zaba), virá de Zabab (que quer dizer, depressão).

Quanto à origem do nome Mogadouro, excetuando teorias fantasiosas ou menos credíveis como a origem muçulmana do nome, a versão mais corrente é do Professor Adriano Vasco Rodrigues:

Mógo significa marco implantado, ou considerado simbolicamente como separação ou divisão de um território. Tem o mesmo significado que moiom, ou linde, que é uma baliza para demarcar uma área. O termo foi importado da linguagem popular. O marco do Douro, o Mogadouro, terá nascido assim. Como judiciosamente esclarece Rosa de Viterbo, no Elucidário, no seu tempo, isto é, no século XVIII, ainda nesta região de Trás-os-Montes a palavra mógo se ligava a marco de separação dos terrenos, sendo frequente o uso deste vocábulo em Ansiães."

"A Reconquista prossegue atingindo a máxima expansão territorial daquele reino das Astúrias com Afonso III o Magno. Reinou 43 anos, tendo, desde 870, desencadeado uma série de campanhas. Chegou com as suas tropas a Coimbra e a Mérida, a antiga capital da Lusitânia. A ele se deve a fortificação e organização militar da linha do Douro à base de castelos, tornando este rio fronteira estratégica e não fronteira política. Para oriente, a difusão dos castelos deu origem a Castela, a terra dos castelos..."

Este é o melhor testemunho do já unificado reino astur-leonês. Ao mesmo tempo que D. Afonso III efetuava incursões nas terras dos Mouros, repovoava o território e organizava a sua defesa. Restaurou Orense e outros povoados vizinhos de León. Repovoou parte do Minho, no atual bispado de Braga (Galiza Bracarense), e restabeleceu as sedes de bispados como as de Chaves, Braga e Porto.

Porém, a grande obra político militar e estratégica de Afonso III foi a fortificação ao norte do Douro, aproveitando as defesas naturais, de modo a quebrar as incursões para Norte. Fortificou Zamora de raiz, levantando outros castelos nos chamados campos góticos, cujo repovoamento iniciou em 893. Toro e Simancas surgiram então.

Deve datar desta altura o aproveitamento de Mogadouro como ponto estratégico e construção da primeira fortaleza, reedificada mais tarde. A toponímia é esclarecedora.

Os testemunhos mais antigos que a arqueologia descobriu, datam do século IV a.C. e foram encontrados numa mamoa em Pena Mosqueira, aldeia de Sanhoane, e noutra no Barreiro, aldeia de Vilar do Rei.

Do Paleolítico, nada se encontrou, por enquanto. Estes vestígios do Neolítico, foram encontrados numa mamoa em Pena Mosqueira, aldeia de Sanhoane, e outra no Barreiro, aldeia de Vilar do Rei.

Vejamos o que diz o Dr. Domingos Marcos e o texto de Rui Cunha e Maria João Cunha, na sua já citada obra: *Do período Calcolítico, transição do Neolítico para a Idade dos Metais, ou do Bronze Final, parecem ser as pinturas rupestres da Fraga da Letra, junto ao castelo de Penas Róias.*

Da Idade do Ferro, conforme se constata pela edificação de vários castros em locais estratégicos de difícil acesso, por vezes em escarpas sobre o Douro, o Sabor ou o Angueira

(castros de Algosinho, Vilarinho dos Galegos e Bruçó), pouco se conhece sobre a região, devido à falta de trabalhos de investigação profundos e sistematizados levados a cabo neste concelho.

Da Proto-História, registam-se os inúmeros povoados fortificados alcantilados sobre as arribas dos rios Douro e Sabor.

O Dr. Hermínio Augusto Bernardo, no seu estudo, "Povoados Castrejos Portugueses e Espanhóis da Bacia do Douro Internacional", enumera alguns castros, no concelho de Mogadouro, dos quais destacamos: Castelo dos Mouros (Bruçó); Castelo dos Mouros (Vilarinho dos Galegos); em Peredo de Bemposta; Castelo, presumivelmente um castro (Bemposta); Castelo de Oleiros (Urrós); Cerca e Caçarelhos, Picão da Bouça d'Aires (Urrós).

No castro romanizado de Picão da Bouça d'Aires (Urrós), existe um santuário rupestre chamado "Altarico".

Estes não são todos os castros que existem no concelho de Mogadouro, existem muitos mais espalhados pelo concelho, como por exemplo, o castelo da vila de Mogadouro está assente sobre um castro. Muitos deles foram romanizados.

A partir do I milénio a.C. começaram a chegar à Península Ibérica diversos povos provenientes do centro da Europa, pertencendo ao grande ramo dos Celtas.

Um povo mencionado por Estrabão e também referido em aras votivas encontradas em Castro de Avelãs (Bragança), os Zoelas [ou Zoelae] que, segundo vários autores, se estenderiam desde as serras da Nogueira, Sanábria e Culebra até, pelo menos, aos montes de Mogadouro, era portador de elementos de cultura singular que trouxe até nós estelas funerárias frequentemente decoradas com suásticas circulares, simbolizando o sol, mas também com motivos zoomórficos como o porco e o veado.

Não se sabe se os Zoelas faziam parte destes invasores, de origem centro-europeia, eventualmente céltica, ou se faziam parte de povos autóctones peninsulares como os Ástures Augustanos, considerados "um dos mais antigos substratos étnicos da Península".

Entre o espólio deste período há um curiosíssimo conjunto de peças, gravadas e esculpidas num tipo de pedra inexistente na região, semelhante a "pedra de sabão", das quais duas esculturas representam cavalos. alguma relação com os Equaesii (Equu, do latim, com o sentido de cavalo)? Seria o cavalo o seu elemento totémico?

Também não deixa de ser curioso que Boch Gimpera localize os Equaesii entre a serra de Bornes e os cimos de Mogadouro, se pensarmos que estas peças foram encontradas em Castro Vicente, na margem direita do Sabor, supostamente em pleno território dos Equaesii. Estas e outras interrogações aguardam respostas que venham trazer luz à evidente importância do passado arqueológico do concelho de Mogadouro.

Posteriormente, a ocupação romana traz modificações significativas ao fâcies da paisagem e à organização social e administrativa. Senhores de uma técnica agrícola mais evoluída, e com um sistema produtivo desenvolvido a uma escala de mercado, promoveram o arroteamento dos campos para permitir a cerealicultura extensiva, fixaram-se em estruturas construtivas organizadas, as vilae, teriam, provavelmente, fortificado infraestruturas já existentes, como no castelo de Penas Róias, conforme achados encontrados pelo arqueólogo Domingos dos Santos Marcos, romperam estradas que ligaram a região de Mogadouro à Capital do Conventus, Asturica Augusta (atual Astorga), capital da província da Hispânia Citerior, à qual pertencia Mogadouro.

No entanto, mau grado as alterações do povoamento, manteve-se a originalidade cultural deste espaço, revelada pelo estilo próprio das estelas funerárias, com elementos decorativos muito característicos, e pela ocorrência frequente dos chamados berrões". É de registar, desta época, o berrão de Vila dos Sinos (perto da aldeia de Vilarinho dos Galegos). De entre o espólio desta época, a estela funerária de Sanhoane e o curiosíssimo altar votivo de Saldanha. Depois da queda do Império Romano do Ocidente (século V d.C.), constituem testemunhos dos novos invasores, provavelmente Suevos ou Visigodos, as necrópoles medievais de Algosinho e Urrós, com os seus túmulos antropomórficos".

Na Idade Média, há a destacar o papel dos castelos de Mogadouro e Penas Róias (ambos do século XII), na linha de defesa da nossa fronteira, contra Castela e Leão. Estrategicamente bem colocados, controlando a Estrada Mourisca, esta linha de defesa foi muito importante no período de formação e consolidação da nacionalidade. Esta linha de castelos, protegia as velhas estradas romanas e medievais, pelos castelos de Mogadouro, Penas Róias, Miranda do Douro, Algosinho, Vimioso, Outeiro e Bragança. Desta época são as necrópoles de Urrós e Algosinho.

Algumas das povoações que hoje se integram em Mogadouro foram circunscrições independentes, com autonomia política e administrativa, que rivalizavam mesmo em importância social e económica com aquela que é hoje a sua sede. É o caso de Azinhoso, Bemposta, Castro Vicente e Penas Róias, todas elas antigas vilas, com foral, e concelhos, com pelourinhos ainda subsistentes (à exceção do de Penas Róias) e as respetivas justiças próprias e funcionários.

Mogadouro na Idade Moderna está associado à família nobre dos Távoras. Apesar do extermínio que tal família sofreu, em meados do século XVIII (acusada de atentado contra o rei D. José), pela mão de um Marquês de Pombal febrilmente antinobiliárquico, alguns dos seus bens podem ainda hoje ser vistos com admiração em Mogadouro. É o caso do seu palácio, praticamente em ruínas, e a Quinta de Nogueira, perto da vila, com a sua pedra de armas em granito, setecentistas. Nos finais do século XIX, aquando da candidatura de Trindade Coelho como deputado por Mogadouro o eminente político publica um livro sobre o assunto, "A Minha "Candidatura" por Mogadouro".

O partido acabaria por não ir às umas, mas de qualquer modo ficava uma obra excelente sobre o Mogadouro de finais do século e as confusas tricas políticas da agonia monárquica. A importância de Trindade Coelho não se resumiu, no entanto, a este incidente político. Dedicado à sua terra, como poucos, deixou obra feita. Conforme referiu João de Araújo Correia: "Era transmontano. Quem o é de raiz não pode ser discípulo de ninguém. Tem dentro de si uma Universidade. Com os olhos postos em Mogadouro, escreveu "Os Meus Amores" – livro que não é livro. É a própria terra do escritor, reproduzida pelo talento de quem lhe quer bem".

A matriz inicial de Mogadouro, antecessora da atual, era de estilo românico ou até visigodo. Não se sabe quando foi substituída por aquela que podemos ver hoje no centro da freguesia e que já é referida em documentos dos inícios do século XVI. Remodelada em finais da centúria seguinte – passou a ter três naves – voltou a sê-lo no século XVII, data em que lhe foi acrescentada uma torre quadrangular, que ainda hoje existe e que na altura simbolizava um luxo a que só as grandes paróquias podiam aspirar. As naves do templo são separadas por arcos de meio ponto bem abertos e assentes em capitéis de ordem toscana. A capela-mor, manuelina, é pequena, mas tem alguns motivos de interesse, dos quais a abóbada (com os seus arcos cruzeiros) não será por certo o menor. Entre as naves e a capela-mor, um arco triunfal e um degrau para subir para a capela-mor. Três janelas renascentistas populares iluminam de forma eficaz as três naves. Quanto ao exterior da igreja, na frontaria a torre sineira, constituída por três pisos.

O Convento de S. Francisco, referido em documentos de 1609 (frades terceiros da Ordem de S. Francisco), foi ampliado com a data incerta na frontaria, 1689, que deve indicar o ano em que as obras ficaram concluídas.

Foi mandado edificar por D. Luís Álvares de Távora, sétimo comendador de Mogadouro e extinto em 1834 – com o liberalismo - através de um decreto de Joaquim António de Aguiar, celebrizado como "mata-frades". Com uma planta em forma de cruz latina, inspirada nas igrejas jesuítas do séc. XVI, o Convento no centro da vila, tem o principal ponto de destaque a torre sineira, quadrangular, que termina em forma piramidal. O interior, é criptolateral, um estilo que só mais tarde se espalhou pelo resto do País e até pela Europa. O coro conserva as cadeiras onde os frades se sentavam. A parte do convento, cujos claustros eram fechados e de planta quadrada, revela-se como um dos mais importantes edifícios maneiristas do Nordeste.

Na etnografia do concelho há inúmeras festas, procissões e romarias, em especial no verão, em homenagem a vários santos: S. Brás, S. Pedro, S. Bento, S. João, Santa Catarina, etc. O paganismo, também tem o seu lugar, em festas como o "Velho Chocalheiro", em Bemposta, o "Farandulo" de um "indivíduo" de cara alegre e risonha que se chama Tó, ou das Festas da Bexiga em Bruçó.

Estes anos de férias transmontanas foram o apogeu da minha juventude que jamais esquecerei.
